

O QUE NÃO ESTÁ LÁ? MORFOLOGIA FLEXIONAL EM ELIPSES *

Cynthia Levart ZOCCA

RESUMO *Este trabalho pretende prover evidência para a operação Agree (Chomsky 1999, 2000) através da investigação de processos de elipse. Mostro que elipses de VP são casos de anáfora superficial (Hankamer e Sag 1976), e portanto têm conteúdo sintático. A possibilidade de elipses mesmo quando o antecedente e a elipse têm formas distintas não pode ser explicada satisfatoriamente em análises anteriores. Proponho então uma nova análise, segundo a qual o antecedente e a elipse têm na verdade formas idênticas na sintaxe, e a operação Agree elimina traços não-interpretáveis de tempo e concordância. Evidência adicional vem da realização morfológica de quantificadores e expressões inerentemente negativas. Por fim, explico que os verbos ser e estar não licenciam formas diferentes no antecedente e na elipse porque possuem formas armazenadas atômicamente no léxico, não havendo momento algum na derivação em que o antecedente e a elipse possuem formas idênticas.*

ABSTRACT *This paper aims at providing evidence for the operation Agree (Chomsky 1999, 2000) through the investigation of ellipsis. I show that VP ellipsis is an instance of surface anaphora (Hankamer and Sag 1976), and therefore has syntactic content. The possibility of ellipsis even when the antecedent and the ellipsis site have distinct forms cannot be satisfactorily explained by previous analyses. I then propose a new analysis, according to which the antecedent and the ellipsis actually have identical forms in the syntax, and the operation Agree eliminates uninterpretable tense and agreement features. Additional evidence comes from the morphological realization of quantifiers and inherently negative expressions. Finally, I explain that the verb be does not license distinct forms in the antecedent and in the ellipsis because each of its forms is stored atomically in the lexicon, and at no point in the derivation do they have identical forms.*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 10 de janeiro de 2003, sob a orientação do Prof. Dr. Jairo Morais Nunes.

1. INTRODUÇÃO

Alguns contrastes podem ser observados em sentenças com elipses de VP em inglês, como nos exemplos abaixo, com os verbos elididos entre colchetes.¹

- (1) John will sleep and Mary will too. [sleep]
- (2) John slept and Mary will too. [sleep]
- (3) John will be here and Mary will too. [be here]
- (4) *John was here and Mary will too. [be here]
- (5) *John slept and Mary was too. [sleeping]

Identidade total nem sempre parece ser essencial para licenciar elipses, como em (2). No entanto, com o verbo *be*, essa identidade é requerida, como mostrado em (3)-(5). O mesmo contraste existe em português brasileiro (PB).

- (6) A Maria estudou muito, mas o João não vai. [estudar]
- (7) O João vai estar aqui e a Maria também vai. [estar aqui]
- (8) *O João era famoso e o filho dele também vai. [ser famoso]
- (9) *O João esteve aqui e a Maria também vai. [estar aqui]
- (10) *O João estudou e a Maria também estava. [estudando]

Este trabalho investiga a natureza desses contrastes, focando na relação entre sintaxe e morfologia responsável por eles. Serão apresentados também outros contrastes, envolvendo elipses de outras categorias, que levam às mesmas conclusões

A base teórica utilizada é o Programa Minimalista (Chomsky 1995, 1999, 2000). Especificamente mostrarei que, para dar conta dos dados, é preciso assumir a operação *Agree* (Chomsky 1999, 2000) para a eliminação de traços não-interpretáveis, ao invés de *Move F* (Chomsky 1995). Proverei evidência também para a abordagem que toma elipses como apagamento em PF e não reconstrução em LF.

2. ELIPSES E PROCESSOS ANAFÓRICOS

2.1. Anáforas profundas e superficiais

Hankamer e Sag (1976) dividem processos anafóricos entre *anáforas profundas* e *anáforas superficiais*. O primeiro tipo é gerado como uma posição vazia ou uma expressão que se refere ao conteúdo anafórico, como *do so* em inglês ou *o fez* em português. O segundo tipo é gerado derivacionalmente, o que significa que

¹(1)-(5) foram adaptados de exemplos em Lasnik (1999).

tem conteúdo sintático. Abaixo estão alguns testes para diferenciar os dois processos.

2.1.1. Antecedente lingüístico ou pragmático?

Anáforas superficiais requerem um antecedente lingüístico, ao passo que anáforas profundas permitem um antecedente puramente pragmático. Os exemplos abaixo, de Hankamer e Sag (1976:392), ilustram essa diferença. O símbolo # significa incompatibilidade pragmática.

Testemos exemplos com as sentenças em (11), similares a (1), (2) e (6) usando este critério.

- (11) a. O João vai pagar a conta, mas a Maria não vai. [pagar a conta]
 b. O João pagou a conta, mas a Maria não vai. [pagar a conta]

Essas sentenças são inaceitáveis em contextos pragmáticos sem um antecedente lingüístico, como em (12) e (13) abaixo.

- (12) [observando o João pagando a conta]
 # A Maria não vai

- (13) [depois de o João ter pago a conta]
 # A Maria não vai

A impossibilidade de (12) e (13) sem um antecedente lingüístico revela que são ambos casos de anáfora superficial. (14) e (15), por outro lado, são possíveis nos mesmos contextos, o que mostra que são casos de anáfora profunda.

- (14) [observando o João pagando a conta]
 A Maria não vai fazer isso

- (15) [depois de o João ter pago a conta]
 A Maria não vai fazer isso

2.1.2 Paralelismo sintático estrito com o antecedente

Hankamer e Sag (1976:413) mostram que anáforas superficiais requerem identidade estrita entre o antecedente e a anáfora. O contraste em (16) mostra que no caso da anáfora superficial, (16a), a forma *taken* não licencia a forma *take* na elipse. Por outro lado, (16b) e (16c), sendo anáforas profundas, são possíveis mesmo não havendo identidade total entre o antecedente e a elipse.

- (16) The oats had to be taken down to the bin.

- a. *so Bill did.
- b. so Bill did it.
- c. so Bill volunteered.

Entretanto, o que exatamente constitui identidade precisa ser melhor especificado, o que farei na seção 2.2.

2.1.3. Extração

Depiante (2000:12) aponta que a possibilidade de extração é mais um critério para diferenciar os dois tipos de anáfora. Segundo a autora, anáforas profundas não permitem extração de dentro delas, ao contrário de anáforas superficiais. O teste está ilustrado em (17a) e (17b) abaixo, casos de anáfora superficial e profunda respectivamente.

- (17) a. I know which book Mary read and Peter knows which book Sally did
- b. *I know which book Mary volunteered to read and Peter knows which article Sally volunteered

Em (17a), o segundo *which book* foi extraído do local da elipse, como mostrado em (18). Para que isso seja possível, deve haver estrutura sintática no local da elipse, de onde se possa extrair *which book*.

- (18) ... and Peter knows [which book]; Sally did ~~read-t~~

Em (18b), *which article* deve ter sido extraído da elipse seguindo *Sally volunteered*. O fato de a sentença ser impossível indica que não há conteúdo sintático no local da elipse de onde foi extraído *which article*.

2.2. Identidade em anáforas superficiais em PB

O exemplo em (19) é um caso de anáfora superficial em PB, conforme os critérios apresentados acima.

- (19) A Maria pagou a conta, mas o João não vai [pagar a conta]

Primeiramente, como mostrado acima, a sentença não permite um antecedente pragmático. O teste da extração também confirma que (19) envolve anáfora superficial, como mostrado no contraste em (20).

- (20) a. Eu sei qual das contas a Maria pagou e sei também qual delas o João não vai

- b. *Eu sei qual das contas a Maria pagou e sei também qual delas o João não vai fazer isso

Entretanto, a anáfora em (19) não passa no teste do paralelismo estrito, ou seja, a forma na elipse (*pagar*) não é idêntica à do antecedente (*pagou*), e mesmo assim, a sentença é possível. Hankamer e Sag (1976: 395) dizem que “(...) there is evidence (for certain anaphoric processes) that what appears on the surface as a (null) anaphor must **at some stage** have a representation as a syntactically complex segment identical to the antecedent segment” (grifo meu). Eles assumem que a identidade requerida não precisa existir na parte da derivação que é enviada a PF, mas pode estar em outro ponto. Apresentarei na próxima seção duas análises que propõem que a identidade não precisa aparecer em PF.

Se a hipótese de que há identidade entre a elipse e seu antecedente em (19) estiver correta, é preciso explicar por que com os verbos *ser* e *estar*, exemplos similares a (19) não são possíveis, como mostrado em (21).

- (21) *O João era famoso, e o filho dele também vai. [ser famoso]

Na seção 6, apresento uma proposta para lidar com tais casos.

3. ANÁLISES ANTERIORES

3.1. Lasnik (1999)

Chomsky (1995: cap. 3) propõe uma abordagem lexicalista-minimalista para a morfologia verbal, segundo a qual os verbos entram na numeração totalmente flexionados e checam seus traços de tempo e concordância com os núcleos Agr e T. Análises anteriores propunham que os itens de Infl fossem morfemas que deveriam se afixar aos verbos, que entrariam nus (sem afixos) na derivação (cf. Chomsky 1957, Chomsky 1981 e Pollock 1989, entre outros). Lasnik (1999:105) une essas duas visões e propõe, então, a abordagem híbrida abaixo (tradução minha).

- (22) Infl é livremente um afixo ou um conjunto de traços abstratos.
(23) Infl afixal deve concatenar-se com um V, um processo em PF (distinto de movimento de núcleo) que requer adjacência.

Segundo Lasnik, para que a derivação seja convergente, a combinação deve sempre ser Infl de traços com verbo flexionado ou Infl afixal com forma verbal nua. Se Infl de traços ocorrer com uma forma verbal nua, os traços de Infl não serão checados, o que resulta numa derivação não convergente, já que o componente fonológico (PF) não será capaz de interpretar esses traços. Também não haverá convergência se Infl

for afixal e o verbo já vier flexionado, pois os traços flexionais do verbo não podem ser checados.

Lasnik busca evidências a favor de sua abordagem nas elipses de VP, que ele analisa como instâncias de apagamento. Assumindo que uma forma de um verbo V só pode ser apagada sob condições de identidade, Lasnik propõe que o apagamento de constituintes parcialmente idênticos em envolve na verdade identidade total, mas em um ponto da derivação antes de a raiz nua se associar ao afixo flexional. Considere os exemplos (24) a (27), por exemplo.

- (24) a. John slept and Mary will too.
b. John -ED sleep and Mary will ~~sleep~~ too.
- (25) a. John was sleeping and Mary will too.
b. John was -ING sleep and now Mary will ~~sleep~~.
- (26) a. John has slept and now Mary will ~~sleep~~.
b. John has -EN sleep and now Mary will ~~sleep~~.
- (27) a. *Mary won't leave, but John is.
b. *Mary will not leave, but John is -ING ~~leave~~.

(24) mostra *sleep* sendo apagado no local da elipse antes de o verbo *sleep* da oração anterior receber o afixo *-ed*. (25) e (26) são exemplos do mesmo fenômeno. A impossibilidade de (27) pode ser explicada através do Filtro do "Afixo Isolado"², proposto em Lasnik (1981) (tradução minha).

- (28) Um afixo morfológicamente realizado deve ser dependente sintaticamente de uma categoria realizada morfológicamente, em estrutura de superfície

O apagamento de *leave* em (27) deixa o afixo *-ing* isolado, e portanto a sentença não é possível³.

3.2. Oku (1998)

Segundo Oku (1998), a elipse deve obedecer alguma condição de recuperabilidade ou identidade em LF. Isso significa que o local da elipse deve ser reconstruído em LF para que possa ser interpretado. Baseando-se no movimento coberto de traços de Chomsky (1995), Oku (1998:19, tradução minha) propõe o princípio em (29).

² No original, "Stranded Affix" Filter.

³ Entretanto, a sentença (i), que também tem um afixo isolado, é possível.

(i) a. Mary will leave, and John already has.

b. Mary will leave and John already has EN ~~leave~~.

Lasnik não dá uma explicação definitiva para esse fato, associando-o a possíveis propriedades morfológicas idiossincráticas do afixo *-en* (cf. Lasnik 1999: 110).

(29) *Princípio da Cópia de Subconjunto*

Cópia em LF pode copiar um subconjunto dos traços do antecedente para construir o conteúdo do local da elipse.

A proposta de Oku dá conta do que ocorre em (30) e também da impossibilidade da sentença em (31).

(30) John slept and Mary will too.
John [sleep + past] and Mary will [sleep] too

(31) *Mary won't leave, but John is.
Mary won't [leave], but John is [leave + ing]

Em (30), *sleep*, que é um subconjunto de [*sleep + past*], é copiado da primeira oração e reconstruído em LF na segunda oração. Já em (31) isso não é possível porque na segunda oração seria necessário acrescentar o afixo *-ing*, que não faz parte do conjunto da primeira oração, composto apenas por *leave*.

3.3. Problemas para ambas as análises

A proposta de Lasnik (1999) prevê corretamente que elipses de VP não sejam possíveis em línguas com movimento do verbo para I. Nessas línguas, como o francês e o espanhol, por exemplo, os verbos já vêm flexionados do léxico. Portanto, não há momento na derivação em que haja identidade entre o VP elidido e seu antecedente. Os exemplos em (32) mostram sentenças impossíveis em francês e em espanhol.

- (32) a. ?*Jean peut visiter Pierre et Marie peut aussi.
b. *Jean peut visiter Pierre et Marie visite aussi.
c. *Susana había leído el libro pero María no había.

Ainda segundo Lasnik (1999:105), o fato de o francês ter Infl de traços está ligado à inexistência de formas nuas nessa língua, uma vez que até o infinitivo tem uma terminação. Como infinitivos em português brasileiro também não são formas nuas, de acordo com a análise de Lasnik essa língua deveria ter Infl de traços e ter seus verbos flexionados no léxico. Sendo assim, numa sentença como (33), não há identidade entre o VP da primeira oração e o que foi apagado na segunda. Portanto, segundo a análise de Lasnik, (33) deveria ser agramatical, mas não é.

(33) O João dormiu e a Maria também vai [dormir]

A proposta de Oku pressupõe que a forma infinitiva do verbo seja sua forma nua, o que não é tão evidente, especialmente em línguas como o português, nas quais existe um sufixo para o infinitivo (-r) e até mesmo um infinitivo flexionado. Esse sufixo presumivelmente não estaria presente na forma nua do verbo, o que faz com que a Teoria de Cópia de Subconjunto não dê conta do exemplo (33) acima, que é possível apesar de o conjunto da primeira e da segunda oração conterem elementos diferentes, como mostrado em (34).

- (34) O João [*dorm-* + passado + terceira pessoa] e a Maria também vai [*dorm-* + infinitivo]

O conjunto que foi reconstruído, [*dorm-* + *infinitivo*], não é um subconjunto de [*dorm-* + *passado* + *terceira pessoa*], o que levaria à previsão errônea de que a sentença fosse agramatical.

Oku também não faz menção à concordância, o que deixa sem explicação exemplos como (35), que também parecem contradizer o Princípio da Cópia de Subconjunto.

- (35) a. Ele sempre comprava aqui, mas nós não. [comprávamos]
b. Eles nunca fariam isso e nem nós. [faríamos]

Nesses exemplos, o elemento reconstruído em LF teria um traço de concordância que não está presente no subconjunto copiado.

Os exemplos em (35) também são problemáticos para a análise de Lasnik. Se, como o francês, o português brasileiro já tem seus verbos flexionados no léxico, não há ponto na derivação em que haja identidade entre o verbo realizado e o verbo elidido nesses exemplos, o que faria com que fossem agramaticais.

Os exemplos de (36) a (39) abaixo também trazem problemas para as duas análises.

- (36) a. Meu irmão fede, mas eu não.
b. *Eu não fedo.
(37) a. Eu extorquia dinheiro dos contribuintes, mas hoje em dia não.
b. *Hoje em dia eu não extorco.
(38) a. Eu abolia muitas regras antes, mas agora não.
b. *Agora não abolo.
(39) a. Nós sempre nos precavemos para o inverno, mas ele não.
b. *Ele não se precave.

Apesar de serem julgadas mal formadas no português brasileiro as formas *fedo*, *extorco*, *abolo* e *precave*, é possível recuperá-las de alguma forma. Isso é problemático para a análise de Oku, já que os conjuntos [*abol-* + *pretérito*

imperfeito + primeira pessoa do singular] e [*abol- + presente + primeira pessoa do singular*] são diferentes. Na análise de Lasnik, que envolve apagamento, as formas *fedo*, *extorco*, *abolo* e *precave* deveriam entrar na derivação assim flexionadas para depois serem apagadas. Entretanto, como mostrado em (36) a (39), tais formas não são aceitas no português brasileiro.⁴

Em suma, nenhuma das duas análises apresentadas dá conta inteiramente de algumas formas do português brasileiro, nem do fato de esta língua permitir elipses de VP, enquanto que outras línguas com movimento de verbo, como o francês e o espanhol, não permitem tais elipses.

4. A PROPOSTA

Para Chomsky (1999), traços formais não interpretáveis entram na derivação não valorados. *Agree* é a operação que ocorre entre uma sonda e um alvo e atribui valores aos traços não interpretáveis do alvo. *Agree* tem duas funções. A primeira é valorar os traços não interpretáveis, o que é relevante para PF, mais precisamente para a morfologia, já que esses valores podem ter efeitos fonológicos, como por exemplo quando traços de Caso são pronunciados. A outra função é eliminar esses traços não interpretáveis para LF, já que apenas traços interpretáveis são legíveis nesse nível.

Neste trabalho, assumo que os traços de tempo do verbo são não interpretáveis e que a interpretação de tempo de uma sentença depende de pelo menos uma projeção de tempo. Assim, é possível estabelecer uma relação de sonda e alvo entre T e o traço de tempo do verbo.

Formas verbais, então, entram na derivação como uma raiz mais traços não valorados de tempo e concordância. Assim, em um exemplo como (40), ambas as formas de *dormir*, a do antecedente e da elipse, são na verdade a raiz *dorm-* mais afixos de tempo e concordância. Já que há identidade entre as duas formas verbais, a da elipse pode ser apagada, e a sentença é possível. Mais tarde, a morfologia insere os afixos relevantes e [*dorm- + passado*] torna-se *dormiu*.

(40) O João **dormiu** e a Maria também vai. [**dormir**]

A derivação de (40) pode seguir os passos em (41). Para uma exposição mais clara, apenas afixos de tempo, abreviados como *affT*, estão mostrados, e *também* foi excluído.

⁴ Apesar de alguns falantes aceitarem marginalmente algumas dessas formas, o padrão geral se mantém.

(41)

Antes de Spell-Out:

a. T com traço de tempo valorado e verbo com afixo de tempo não valorado
[_{TP} [T + pass.]] [_{VP} O João [_{VP} *dorm-* + aff_T]] e [_{TP} vai [T + inf.]] [_{VP} a Maria [_{VP} *dorm-* + aff_T]]

b. Agree (valora os afixos para PF e elimina os traços não-interpretáveis para LF)

[_{TP} [T + pass.] [_{VP} O João [_{VP} *dorm-* + aff_T]]] e
[aff =passado]

[_{TP} vai [T + inf.] [_{VP} a Maria [_{VP} *dorm-* + aff_T]]] e
[aff =infinitivo]

c. operações de movimento aberto

[_{TP} O João [T + pass.] [_{VP} O João [_{VP} *dorm-* + aff_T]]] e
[aff =passado]

[_{TP} a Maria vai [T + inf.] [_{VP} a Maria [_{VP} *dorm-* + aff_T]]] e
[aff =infinitivo]

Entre Spell-Out e PF:

d. Redução de Cadeia para apagamento de cópias

[_{TP} O João [_{VP} ~~O João~~ [_{VP} *dorm-* + aff_T]]] e [_{TP} a Maria [_{VP} vai ~~a Maria~~ [_{VP} *dorm-* + aff_T]]] e
[aff =passado] [aff =infinitivo]

e. apagamento sob identidade do VP no local da elipse

o João [_{VP} *dorm-* + aff] e a Maria vai [_{VP} ~~*dorm-* + aff~~]
[aff =passado] [aff =infinitivo]

f. inserção do afixo de tempo

o João dormiu e a Maria também vai

Passos derivacionais similares podem dar conta da sentença em (42), que não podia ser explicada pelas análises na seção 3. Para essa sentença, os passos são os mesmos de (41), mas com afixos de concordância em vez de tempo.

(42) a. Ele sempre comprava aqui, mas nós não. [comprávamos]

Essa análise também explica como em (36)-(39), formas não aceitas na língua podem aparecer na elipse. Por exemplo, em (38), repetido como (43), a forma *abolo* não existe, mas parece ser permitida na elipse.

(43) a. Eu abolia muitas regras antes, mas agora não.

b. *Agora não abolo.

O que acontece é que (43a) na verdade entra na derivação com suas formas verbais como em (44).

(44) [_{TP} [T+pret.imp.] [_{VP} eu[1p.sg.] [_{VP} [abol- + affT + affAgr] muitas regras]]]
mas agora [_{TP} [T+pres.] não [_{VP} pro[1p.sg.] [_{VP} [abol- + affT + affAgr] muitas
regras]]]

Uma relação de sonda-alvo é estabelecida entre T e *affT* para eliminar os traços não interpretáveis dos verbos e valorar o tempo como pretérito imperfeito no primeiro conjunto e presente no segundo. Além disso, uma relação de sonda-alvo também se estabelece entre o sujeito *eu* ou *pro* e o verbo, eliminando assim traços de concordância não interpretáveis do verbo e atribuindo o valor de concordância primeira pessoa do singular. O que é enviado para PF, então, são duas formas verbais idênticas da raiz *abol-* mais afixos de tempo e concordância. Como há identidade, o VP da elipse pode ser apagado. Finalmente, a morfologia transforma [*abol-* + passado + 1p.sg.] em *abolia*. Já que o VP na elipse foi apagado, não há necessidade de a morfologia inserir nenhuma forma em [*abol-* + presente + 1p.sg.]. Esse é o resultado esperado, pois assim uma forma como *abolo*, que é impossível, não precisa existir, e a sentença em (43a) é possível.

Nas próximas seções, apresentarei mais evidências para a análise aqui proposta. Mostrarei também que os dados não podem ser analisados através de *Move F* ou reconstrução em LF.

5. EVIDÊNCIAS ADICIONAIS

5.1. Gênero e número em adjetivos

A proposta apresentada acima também pode explicar por que pode haver diferença de gênero em adjetivos na elipse e no antecedente, como em (45).

(45) O João é bonito e a Maria também é. [bonita]

O que licencia a elipse, apesar da diferença de gênero, é o fato de que o adjetivo é na verdade composto de uma raiz (*bonit-*) mais afixos de gênero não valorados, que recebem o valor masculino ou feminino através de *Agree*.

O mesmo ocorre com traços de número. Diferenças de número entre o antecedente e a elipse resultam em sentenças aceitáveis, como em (46).

(46) a. Aquele menino é bonito e aqueles rapazes também são. [bonitos]

Como em (45), ambas as formas do adjetivo são na verdade a raiz *bonit-* mais afixos não valorados de gênero e número, que são valorados através de *Agree*.

5.2. Realização Morfológica de Alguns Quantificadores

Como apontado por Uriagereka (1994:4), os quantificadores existenciais *some* e *any* podem ser realizações fonológicas do mesmo quantificador existencial usado em diferentes contextos. Ele usa os seguintes casos de elipse para ilustrar.

- (47) a. John doesn't have any money, but Bill does.
b. * John doesn't have any money, but Bill does have any money.

Ele mostra que, na elipse, o quantificador não pode ser interpretado como *any*, mas sim como *some*.

Essa hipótese é compatível com a presente análise se considerarmos que *any* e *some* entram na derivação como o mesmo quantificador existencial não valorado que é realizado como *any* se a sentença for negativa ou *some* se for afirmativa. Assim, os elementos na elipse e no antecedente são idênticos e podem então licenciar a elipse. Um esquema da sentença ao entrar na derivação está em, em que QUANT significa um quantificador não valorado.

- (48) John doesn't have [QUANT] money, but Bill does have [QUANT] money.

5.3. Expressões inerentemente negativas

Uriagereka (1994:4) também aponta que expressões idiomáticas não são possíveis em elipses como nos casos de *some* e *any* acima, como nos exemplos abaixo.

- (49) a. *John doesn't have a red cent, but Bill does.
b. * John doesn't have a red cent, but Bill does have a red cent.
c. *John has a red cent.

O mesmo ocorre em outras expressões inerentemente negativas em português.

- (50) a. *O João não tem um tostão furado, mas a Maria tem.
b. *O João tem um tostão furado.
- (51) a. *Rhett doesn't give a damn, but Scarlett does.
b. *Scarlett gives a damn.

De acordo com Ladusaw (1980:7), uma expressão de polaridade negativa só é aceitável se puder ser interpretada em um contexto de acarretamento descendente. Isso significa que substituir um elemento mais geral por um mais específico resulta em uma inferência válida. Sentenças condicionais são um exemplo de contexto de acarretamento descendente. Assim, a previsão é de que as sentenças em (49)-(51) sejam todas possíveis em sentenças condicionais. Isso corresponde aos fatos, como mostrado em (52)-(54).

(52) John doesn't have a red cent, but if he did ~~have a red cent~~, he would have helped you

(53) O João não tem um tostão furado, mas mesmo que ele tivesse ~~um tostão furado~~, ele não daria gorjeta

(54) Rhett doesn't give a damn, but if Scarlett did ~~give a damn~~ he might have stayed

É necessário agora explicar por que uma sentença como (47) é possível, enquanto que (49) não é. O contraste está revisto em (55).

- (55) a. John doesn't have any money, but Bill does. [have some money]
b. *John doesn't have a red cent, but Bill does. [have a red cent]

Os quantificadores *any* e *some* mostraram-se diferentes realizações do mesmo quantificador não valorado, que recebe seu valor através de *Agree* dependendo do contexto. Expressões inerentemente negativas, por outro lado, entram na derivação com um valor fixo. Assim, são inerentemente valoradas como negativas. Portanto, *Agree* elimina seu traço negativo não interpretável, mas não lhes atribui valor afirmativo ou negativo, porque já estão valoradas. O resultado é que uma sentença como (55b) nunca será possível.

5.4. Usando *Move F* e Reconstrução em LF

Nesta seção, mostrarei que não é possível dar conta dos dados apresentados usando um quadro teórico que assuma movimento coberto de traços, ou *Move F* (Chomsky 1995), para checar traços formais não interpretáveis. Mostrarei ainda que considerar elipses como casos de reconstrução em LF também não dá conta dos dados.

5.4.1. *Move F* com apagamento em PF

Para explicar a possibilidade de elipses envolvendo um elemento diferente do antecedente, é necessário assumir uma hipótese não-lexicalista, ou seja, assumir que as formas distintas do verbo não entram na derivação já flexionadas, mas como uma raiz verbal mais afixos de tempo e pessoa. Isso é porque uma abordagem lexicalista implica que formas diferentes do verbo entram na derivação já flexionadas, e assim o antecedente e a elipse não são nunca idênticos.

Em uma abordagem não lexicalista, ambos o antecedente e a elipse em (56) contêm uma raiz mais afixos.

(56) O João dormiu e a Maria também vai

O que seria diferente da abordagem com *Agree* é que em um quadro com *Move F*, os afixos entram na derivação já valorados, e serão checados em LF. Um esquema da sentença antes de LF está em (57).

(57) [_{TP} O João [_{VP} [*dorm*+passado+3psg]]] e [_{IP} a Maria [_I vai [_{VP} [*dorm*+inf.]]]]

Como pode ser visto em (57), há identidade apenas na raiz; os afixos são diferentes no antecedente e na elipse. Mesmo se a raiz possa ser apagada sob identidade, o afixo de infinitivo ficaria isolado, violando o Filtro do Afixo Órfão de Lasnik (1981).

Portanto, não é possível dar conta da sentença em (56) usando um quadro teórico envolvendo *Move F*.

5.4.2. Reconstrução em LF

Aoun e Nunes (2002, nota 6) apontam que uma análise pressupondo reconstrução em um quadro que assume o sujeito interno a vP não consegue explicar como o argumento externo de vP é reconstruído. No momento da reconstrução, uma sentença como (56) seria como o esquema em (58).

(58) [_{TP} O João[3p.sg.][_T T[pass.][_{VP} O João[3p.sg.][_v *dorm*- [_{VP} [_v *dorm*-+pass.+3p.sg.]]]]]]
e [_{TP} a Maria[3p.sg.] [_{TP} vai [_{TP} T[inf.][_{VP} a Maria[3p.sg.] *e*]]]]

De acordo com Aoun e Nunes, o argumento externo do segundo conjunto deve funcionar como argumento externo do predicado reconstruído, e não é óbvio como conectar esse argumento externo ao vP reconstruído. Os autores assumem que o que é reconstruído é na verdade v'. Entretanto, como apontado por Jairo Nunes (c. p.), isso não resolve o problema em sentenças passivas, como em (59).

(59) [_{IP} o João [_I foi [_{VP} o João [_V [_{VP} aprovado [_{DP} o João]]]]]]] e a Maria foi também e

Nesse caso, mesmo que o que for reconstruído seja apenas *v'*, o DP *o João* é parte de *v'*, e a sentença ficaria como em (60) depois da reconstrução, com *o João* em posição de objeto.

(60) ... e a Maria foi [_V [_{VP} aprovada [_{DP} o João]]]

Em uma análise envolvendo apagamento em PF, como a que foi apresentada, esse problema não existe, pois as cópias resultantes de movimento são apagadas antes do licenciamento das elipses. Portanto, as cópias não interferem com a identidade.

Em suma, reconstrução em LF cria um problema técnico em sua implementação que não aparece em uma abordagem com apagamento em PF.

6. OS VERBOS *SER* E *ESTAR*

6.1. A análise de Lightfoot (2000)

Lightfoot (2000) adota a abordagem híbrida de Lasnik (1995, 1999) apresentada na seção 3.1, segundo a qual em inglês moderno os verbos *be* e *have* entram na derivação já flexionados e checam seus traços com um Infl de traços, enquanto que verbos principais entram nus e recebem sua flexão de um Infl afixal através de salto de afixo. Lasnik relaciona a distinção entre verbos afixais e de traços a movimento de verbo. Lightfoot (2000:13) discorda desse critério, pois segundo ele elementos modais são de traços e são gerados na base em Infl, enquanto que *be* se move para essa posição. (61) mostra que *be* não pode se mover quando aparece junto com um modal.

(61) Kim might still be reading that chapter.

Para explicar por que *be* se comporta diferentemente de verbos principais, Lightfoot propõe que as formas de *be* são armazenadas atômicamente no léxico em inglês moderno. Evidência para essa proposta vem do fato de que formas diferentes de *be* podem selecionar complementos diferentes. Exemplos do PB baseados nos exemplos de Lightfoot estão em (62)-(63).

- (62) a. O João estava para sair quando a Maria chegou
b. *O João vai estar para sair quando a Maria chegar

- (63) a. Era para o João fazer isso
 b. *Tinha sido para o João fazer isso
 c. *Será para o João fazer isso

Lightfoot também mostra que até o século XVIII, formas impossíveis no inglês moderno eram possíveis, como nos exemplos reproduzidos em (64), nos quais grifei as formas que não mais se usam.

- (64) a. You will be to visit me in prison with a basket of provisions; ... 1814 Jane Austen, *Mansfield Park*, ed. by J. Lucas, Oxford University Press, 1970: 122.
 b. I was this morning to buy silk. 1762 Oliver Goldsmith, *Cit W*: 158 (meaning “I went to...”, not “I had to...”)
 c. Two large wax candles were also set on another table, the ladies being going to cards. 1762 Daniel Defoe, *The Political History of the Devil*, Talboys, Oxford: 1840: 336.
 d. ...He being now going to end all with the Queene ... 1661 Samuel Pepys, *Diary* II 129.1 (30 June).
 e. One day being discoursing with her upon the extremities they suffered ... 1791 Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, vol. 2: 218.

Lightfoot também mostra que elipses com *be* que não são possíveis hoje em dia eram possíveis naquela época. Ele conclui que em uma época em que as formas de *be* não eram listadas separadamente no léxico, elipses com *be* funcionavam do mesmo modo que elipses envolvendo verbos principais.

O fato de o PB também tem restrições de seleção com relação às diferentes formas dos verbos *ser* e *estar* sugere que, como em inglês, as diferentes formas dos verbos *ser* e *estar* são armazenadas atômicamente no léxico.

6.2. A análise de Stjepanović (1997)

Stjepanović (1997) mostra que em servo-croata os verbos são tomados do léxico totalmente flexionados e que identidade total não é necessária para elipses, o que é similar aos casos de elipses envolvendo verbos principais analisados neste trabalho.

Entretanto, como em inglês e no PB, o verbo *biti* ('ser') tem um comportamento diferente e requer identidade morfológica estrita, como nos exemplos em (65), de Stjepanović (1997).

- (65) a. *Marko je danas ovdje, ali sutra n će ~~biti~~—*ovđj*.
 Marko is today here, but tomorrow won't be_{inf} here
 'Marko is here today, but he won't be here tomorrow.'

- b. Marija je dobar student, ali Petar nije.
 Marija is good student, but Petar isn't.
 'Marija is a good student, but Petar isn't.'

Em (65a), a forma *je* não licencia a elipse com a forma *biti*. Em (65b), ambas as formas são idênticas e portanto a elipse é possível.

O que diferencia o comportamento de *biti* em servo-croata de *be*, *ser* e *estar* é que há formas de *biti* que seguem o padrão regular de conjugação da língua. Assim como em verbos principais, essas formas regulares podem anteceder elipses de formas diferentes, como em (66), em que uma forma de *biti* no imperfeito pode anteceder a elipse de uma forma infinitiva.

- (66) Marko beše jutros ovdje, ali sutra neće.
 Marko was_{imperf.} morning here, but tomorrow won't.
 'Marko was here this morning, but tomorrow he won't be here.'

Stjepanović (1987) usa a proposta de Lasnik (1995, 1999) da seguinte maneira: em casos em que os verbos não se movem abertamente, os verbos em servo-croata são tomados nus do léxico e seus afixos flexionais são introduzidos na estrutura como itens lexicais separados; em casos em que os verbos se movem abertamente, eles são tomados do léxico flexionados. No entanto, para Lasnik, é necessário haver identidade total com o antecedente para uma elipse ser licenciada, e isso contradiz os casos de *biti* no presente. Stjepanović então adapta as idéias de Lasnik e propõe que em servo-croata, como em inglês, formas finitas e não finitas, com exceção de *biti*, são introduzidas nuas do léxico e devem associar-se aos afixos que foram introduzidos independentemente na estrutura. Além disso, de acordo com ela, em elipses, diferenças entre afixos flexionais introduzidos do léxico independentemente de suas raízes podem ser ignoradas, mas não a falta de identidade nos próprios verbos.

O sistema baseado em *Agree* proposto neste trabalho é compatível com a proposta de Stjepanović para elipses. As diferenças que podem ser ignoradas em seu sistema são na verdade casos de afixos não valorados que são idênticos na medida em que são compostos de uma raiz mais afixos, como mostrado na seção 4. Os casos de *biti* com formas irregulares, por sua vez, são compatíveis com a análise de Lightfoot, cuja hipótese era de que as diferentes formas de *be* são armazenadas atômicamente no léxico. Em servo-croata, quando as formas de *biti* são regulares, elipses são possíveis, como com outros verbos principais.

6.3. A cópula na proposta envolvendo *Agree*

Como nas expressões inerentemente especificadas na seção 5.3, as formas de *be*, *ser*, *estar* e as formas irregulares de *biti* entram na derivação inerentemente

especificadas quanto aos traços de tempo e concordância. Assim, não há momento na derivação em que as formas de *be*, *ser*, *estar*, e *biti* irregular são uma raiz mais afixos não valorados de tempo e concordância.

Apesar de os traços de tempo e concordância da cópula entrarem na derivação valorados quanto a sua morfologia, eles têm traços de tempo e concordância não valorados para LF. A operação *Agree*, então, elimina esses traços, no caso de haver compatibilidade entre sonda e alvo. Isso explica por que (67) é inaceitável.

(67) *Ele éramos rico

Nessa sentença, os traços de concordância do alvo *éramos* (primeira pessoa do plural) não são compatíveis com os da sonda *ele* (terceira pessoa do singular). Não há compatibilidade entre sonda e alvo, e portanto *Agree* não pode eliminar os traços não interpretáveis de *éramos*, causando problemas para LF.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, mostrei que elipses revelam uma ligação entre morfologia e sintaxe. Usei a operação *Agree* de Chomsky (1999, 2000) para propor uma análise que dá conta de casos em que a elipse é licenciada mesmo que não haja identidade total entre o antecedente e a elipse. Mostrei também que os dados apresentados não podem ser explicados através de uma análise usando *Move F* (Chomsky 1995) ou reconstrução em LF. Apagamento em PF, então, foi a maneira utilizada para derivar sentenças contendo elipses.

Por fim, mostrei que a cópula, em várias línguas, tem formas que são armazenadas atomicamente no léxico, o que faz com que sentenças com elipses contendo os verbos *be*, *ser*, *estar* e *biti* irregular comportem-se diferentemente de elipses envolvendo verbos principais.

REFERÊNCIAS

- AOUN, J. & J. NUNES. 2002. Vehicle Change Effects: an argument for Move-F. Ms., University of Southern California, Universidade Estadual de Campinas.
- BRESNAN, J. (1971). A Note on the Notion "Identity of Sense Anaphora". *Linguistic Inquiry* 2: 589-597.
- CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic Structures*. Paris: Mouton.
- _____. (1981). *Lectures on Government and Binding – The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1982). *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1986a). *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1986b). *Knowledge of Language*. New York: Praeger.

- _____. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1999). *Derivation by Phase*. Ms., MIT.
- _____. (2000). *Minimalist Inquiries: The Framework*. In Martin, R., D. Michaels e J. Uriagereka (eds.) *Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 89-155.
- DEPIANTE, M. (2000). *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: A Study of Null Complement Anaphora and Stripping/Bare Argument Ellipsis*. Ph.D. dissertation, University of Connecticut.
- EMONDS, J. (1978). The Verbal Complex V'-V in French. *Linguistic Inquiry* 9: 151-175.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1996). *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- GRINDER, J. & P. POSTAL. (1971). Missing Antecedents. *Linguistic Inquiry* 2: 269-313.
- HANKAMER, J. & I. SAG. (1976). Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry* 7: 391-428.
- LADUSAW, W. (1980). On the Notion "Affective" in the Analysis of Negative Polarity Items. In *Journal of Linguistic Research* 1: 1-16.
- LARSON, R. (1988). On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry* 19: 335-391.
- LASNIK, H. (1981). Restricting the Theory of Transformations: A Case Study. In Hornstein, N. e D. Lightfoot (eds.). *Explanations in Linguistics*, 152-173. London: Longman.
- _____. (1995). Verbal Morphology: *Syntactic Structures* Meets the Minimalist Program. In P. Kempchinsky e H. Campos. *Evolution and Revolution in Linguistic Theory: Essays in Honor of Carlos Otero*. Washington, DC: Georgetown University Press. Republished as chapter 5 of Lasnik (1999).
- _____. (1999). Verbal Morphology: *Syntactic Structures* Meets the Minimalist Program. In *Minimalist Analysis*, 97-119. Malden, Mass.: Blackwell.
- LIGHTFOOT, D. (2000). Ellipses as Clitics. In Schwabe, K. e N. Zhang (eds.) *Ellipsis in Conjunction*. Tuebingen: Niemeyer.
- _____. (2002). The Form of Innateness Claims. Apresentado na conferência *Innateness and the Structure of the Mind*, Sheffield.
- OKU, S. (1998). *A Theory of Selection and Reconstruction in the Minimalist Perspective*. Tese de doutorado, University of Connecticut.
- POLLOCK, J-Y. (1989). Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: 365-424.
- STJEPANOVIĆ, S. (1997). VP Ellipsis in a Verb Raising Language: Implications for Verbal Morphology. In Austin, J. e A. Lawson (eds.) *Proceedings of the Eastern States Conference in Linguistics 1997*. Ithaca, NY: CLC Publications.
- _____. (1999a). Multiple sluicing and superiority in Serbo-Croatian. *Proceedings of North Eastern Linguistic Society* 29, 145-159. GLSA, University of Massachusetts, Amherst.
- _____. (1999b). What do second position cliticization, scrambling, and multiple wh-fronting have in common. Tese de doutorado, University of Connecticut, Storrs.
- URIAGEREKA, J. (1994). *A Note on Obviation*. Ms., University of Maryland at College Park.